O GLOBO
Publicado em 19/11/2023 - 05:57

Sem saída clara para crise, Argentina escolhe hoje presidente

CRISE ESCANTEADA

Eleição de presidente da Argentina, hoje, vira 'sim' ou 'não' sobre ultradireitista Milei

JUAN MABROMATA/AFP/25-11-2023

Reviravolta. Massa conseguiu recuperar-se de um revés nas primárias e tirar o foco da economia em ruínas do país

LUIS ROBAYO/AFP/25-11-2023

Polêmicas. Personalidade de Milei, propostas controversas, estado emocional e até irmã viraram foco de debate

"O que Massa precisava para ter chances era que se falasse o mínimo possível sobre inflação, crise econômica em geral e, sobretudo, sua responsabilidade como ministro da Economia. E conseguiu"

Carlos Fara, presidente da Associação Internacional de Consultores Políticos

JANAÍNA FIGUEIREDO
janaina.figueiredo@oglobo.com.br
BUENOS AIRES

Um dos primeiros conselhos que o peronista Sergio Massa ouviu de seus estrategistas após o revés sofrido nas Primárias Abertas Simultâneas e Obrigatórias (Paso, realizadas para escolher os candidatos da eleição presidencial e legislativa) de agosto foi o de que a única alternativa para se tornar um candidato competitivo na disputa pela Presidência da Argentina era usar a seu favor o apelo midiático de seu principal rival, o candidato da direita radical Javier Milei. Se a campanha do candidato e ministro da Economia do governo Alberto Fernández falhasse em encobrir a crise — com sua taxa de inflação superando 140% ao ano —, a eleição, admitiram naquele momento seus estrategistas, estava perdida.

ESTRATÉGIA EXITOSA

Num cenário em que propostas disruptivas do candidato antissistema reduziram o debate político objetivo, a estratégia peronista funcionou, e hoje os argentinos irão às urnas, essencialmente, para dizer "sim" ou "não" à candidatura do líder do partido A Liberdade Avança, fundado para lançar sua carreira política em 2021. Se, no começo do ano, ainda sem candidaturas confirmadas, muitos analistas afirmavam que o peronismo não tinha chances de eleger um novo presidente, o cenário mudou depois das primárias de agosto, quando a agenda eleitoral esteve sob domínio de Milei. Mas, desde então, a dramática crise econômica, social e financeira que assola a Argentina foi escanteada. Os temas centrais passaram a ser a personalidade de Milei, suas propostas mais polêmicas, seu estado emocional, seu vínculo com seus cachorros — um deles clonado — e sua irmã, suas alianças internacionais e o risco que, segundo Massa, o candidato da direita radical representa para a Argentina e suas instituições democráticas.

Milei, que tem uma frágil estrutura política e está rodeado de colaboradores com escassa experiência, teve dificuldades em reagir. Massa foi o candidato mais votado no primeiro turno (36,78% dos votos contra 29,99% de Milei), num país com 41% dos habitantes abaixo da linha da pobreza e que deve sofrer retração do PIB de até 2,5% este ano.

— O que Massa precisava para ter chances era que se falasse o mínimo possível sobre inflação, crise econômica em geral e, sobretudo, sua responsabilidade como ministro da Economia. E conseguiu — opina Carlos Fara, presidente da Associação Internacional de Consultores Políticos.

A dúvida de Fara e de outros analistas locais é se o impacto da estratégia peronista conseguirá superar o desejo de mudança dos argentinos. Afinal, como afirmou o próprio Milei no discurso de encerramento de campanha, mais de 50% dos eleitores que participaram do primeiro turno, em 22 de outubro, votaram contra o governo da aliança entre peronistas e kirchneristas, que tem hoje, segundo pesquisas, 80% de rejeição.

— Na reta final da campanha, Milei baixou o tom de suas propostas mais disruptivas e tentou impor um plebiscito sobre o governo e sobre Massa. As urnas dirão se conseguiu. Numa eleição normal e num país normal, Massa não seria competitivo — explica Fara.

PLEITO SEM IGUAL NA REGIÃO

Para os analistas ouvidos pelo GLOBO, esta é uma eleição que não pode ser comparada a nenhuma outra recente na região. Em nenhum outro pleito pela Presidência um país latino-americano vivia, ao mesmo tempo, uma crise como a argentina, e tinha como um dos candidatos mais fortes um *outsider* representante da direita radical, como Milei. Sem o ultradireitista, qualquer candidato minimamente razoável, frisa Fara, derrotaria Massa hoje.

Os indicadores argentinos são trágicos, e o clima no país é de profundo desânimo. A inflação é um problema diário e sufocante, e a escassez de dólares — reconhecida publicamente por Massa — está provocando o desabastecimento de produtos importados, de alimentos a insumos médicos.

Pouco depois do primeiro turno, os argentinos passaram quase uma semana sem gasolina nos postos de todo o país, e a situação só se normalizou quando Massa ameaçou suspender as exportações de combustíveis. Com preços internos bem abaixo da média internacional, companhias do setor exigiram um reajuste acima do autorizado pelo governo. Em meio à tensão, Massa acusou as empresas de estocarem combustíveis para pressionar o governo, e o conflito durou dias. Houve uma trégua, mas o problema persiste.

— Todos os indicadores econômicos pioraram desde que Massa assumiu o Ministério da Economia, em agosto de 2022. Tirando os ministros de épocas de hiperinflação, ele é, sem dúvida, o pior de todos. É surpreendente que seja competitivo como candidato — opina Juan Negri, professor da Universidade Di Tella.

Para o acadêmico, "esta não é uma eleição normal".

— Milei é um candidato de baixa qualidade. Se tivesse a trajetória e os respaldos que tiveram Donald Trump ou Jair Bolsonaro, teria uma vitória confortável — acrescenta Negri, que observa no candidato da direita radical carências programáticas, promessas erráticas, uma equipe desprepara-da e pouco profissional.

ELOGIOS A THATCHER

Fazer elogios públicos à ex-premier britânica Margaret Thatcher, que tem enorme imagem negativa na Argentina desde que o país foi derrotado pelo Reino Unido na Guerra das Malvinas, em 1982, foi, na visão de Di Tella, "de uma burrice sem tamanho".

— Em geral, segundos turnos se definem em função dos que ficaram de fora. Se essa fosse a lógica, não teríamos dúvidas sobre o triunfo de Milei, mas a campanha de Massa foi bem-sucedida, criando um cenário incerto — diz Negri.

Está claro para os analistas argentinos que Massa só é competitivo porque seu rival é Milei. Se a aliança Juntos pela Mudança não tivesse praticamente acabado em consequência, justamente, do surgimento do candidato da direita radical, a história seria outra.

Milei vencerá a eleição se a vontade de mudança for superior ao receio que causa em amplos setores da sociedade. Ou, diz Fara, poderá se tornar uma espécie de Jean-Marie Le Pen argentino, um candidato presidencial forte, mas incapaz de superar o medo, tão explorado pelos adversários.

"Milei é um candidato de baixa qualidade. Se tivesse a trajetória e os respaldos que tiveram Trump ou Bolsonaro, teria uma vitória confortável"

Juan Negri, professor da Universidade Di Tella

OS ANOS FERNÁNDEZ NA ARGENTINA

Indicadores sociais tiveram piora, ao mesmo tempo em que dólar e inflação dispararam

Fontes: Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (Indec) e Banco da Nação Argentina

EDITORIA DE ARTE

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Pagina:** 22

Copyright © Clipclap 2025.